



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

GIL VICENTE E O NACIONALISMO.

BRAGA, Teófilo

Ano: 1902 | Número: 19

Como citar este documento:

BRAGA, Teófilo, Gil Vicente e o nacionalismo. *Revista de Guimarães*, 19 (2) Abr.-Jun. 1902, p. 53-55.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

GIL VICENTE E O NACIONALISMO

Guimarães é o fóco glorioso aonde o genio da Nacionalidade portugueza tem encontrado as manifestações mais conscientes e profundas. Quando a *Terra Portucalese* ainda não tinha um centro em que apoiasse a sua autonomia, separando-a da incorporação no Condado da Galliza, Guimarães tornou-se a capital do novo estado politico, emquanto a occupação dos territorios conquistados do Douro até Coimbra, Santarem e Lisboa, não impunha uma localisação em harmonia com o desenvolvimento da nacionalidade. Alexandre Herculano admirava o espirito de nacionalismo das provincias do norte de Portugal; essa aspiração tradicional foi sempre o empenho das altas individualidades nascidas em Guimarães. O nome imperecível de Francisco Martins Sarmiento, ligado a importantissimos trabalhos archeologicos e historicos, lembrará sempre que lhe devemos a luz sobre as origens anthropologicas e ethnicas da raça portugueza. Quando Herculano affirmava que entre o Portugal moderno e a antiga *Lusitania* todas as relações eram chimericas; quando phantasmagoricas philologias por processos etymologicos tornavam os Celtas os antepassados dos portuguezes, coube a Martins Sarmiento a missão de assentar o problema em bases scientificas, demonstrando a origem ligurica ou pre-celtica das povoações que com o nome de *Lusos*, *Lusonios* ou *Lusitanos* foram n'este solo hispanico sempre inconfundiveis com os Iberos. Fixado o territorio e a raça, como vimos n'estes dois extremos, coube ainda a Guimarães o produzir esses extraordinarios genios estheticos, que deram ao sentimento nacional as immortaes expressões artisticas.

Gil Vicente, o poeta, fundador do Theatro portuguez, e o seu homonymo e primo, cinzelador da Custodia feita com o primeiro ouro das páreas de Quilôa, são ambos naturaes de Guimarães, florações do seculo xv, da burguezia industrial e independente pelo seu municipalismo. Não admira que pelo longo processo de desnacionalisação, que é a principal causa da decadencia de Portugal, estes nomes chegassem a ser esquecidos. Nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, entre celebridades locais, rebuscadas entre frades e fidalgos, não se encontram os nomes de Gil Vicente, poeta, nem de Gil Vicente, ourives, que pela mesma depressão intellectual do paiz permaneceram esquecidos até á época do Romantismo. Foi da confusão d'estes nomes que resultou o interesse polemico, que suscitando diversos investigadores, fez destacar as duas individualidades, glorificando Guimarães como terra de sua naturalidade.

Quando se celebrou o Centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, estes dois artistas appareceram como os que mais cedo souberam idealisar esse grande feito que iniciou a vida moderna da Europa: a *Custodia* dos Jeronymos symbolisava a emoção da alma de um povo, que ia dilatando a *Fé e o Imperio* « por mares nunca de antes navegados »; o *Auto da Fama*, no seu rudimento dramatico, allegorisava a acção de Portugal invejada pelas nações modernas. Só muito mais tarde é que o pensamento das Navegações portuguezas chegou a ser commemorado na pedra pelo assombro architectonico do Mosteiro de Belem, e na epopêa dos *Lusiadas*, poema caracteristico da arte de uma phase nova da Civilisação humana.

Os dois filhos de Guimarães, Gil Vicente poeta, e Gil Vicente ourives, sempre amigos na vida e inseparaveis na historia, precederam n'esta idealisação da actividade de Portugal, a obra architectonica de João de Castilho e a epopêa de Luiz de Camões. Completam-se quatro seculos, no dia 8 de junho em que o poeta Gil Vicente representou a sua primeira obra dramatica, seguindo depois em uma carreira ininterrupta até 1536 uma série de composições em que ficou fundado o Theatro portuguez e creada esta nova fórmula da Litteratura.

Elle teve consciencia da importancia da sua obra, e occupou-se nos ultimos annos da vida a organisal-a para a imprensa; atalhou a morte esse trabalho, realisado pela carinhosa e intelligente dedicação de sua filha Paula Vicente, a intima amiga da infanta D. Maria. Publicada a Compilação de

todas as suas Obras, algumas das quaes já corriam impressas avulsas e apparecem apontadas no primeiro Indice expurgatorio de 1551 do nefasto Cardeal-Infante, nunca mais a censura ecclesiastica deixou de deturpal-as, mutilando-as, embarçando-as de serem lidas. Mas apesar d'isso o influxo de Gil Vicente foi profundo, suscitando uma vigorosa escola de poetas comicos, como Balthazar Dias, Affonso Alvares, Antonio Ribeiro Chiado, Antonio Prestes, Luiz de Camões, D. Francisco Manuel, Fr. Antonio da Estrella, continuando-se a imitação das suas formas por todo o seculo XVIII e XIX. O vigor d'esta influencia resultou das raizes organicas d'onde Gil Vicente derivou a sua obra: elevou-se dos costumes populares, dos Dialogos e Colloquios das Lapinhas, e das Canções bailadas de Maio, aos rudimentos litterarios do Auto; em volta d'esta forma agrupa as Canções lyricas com a mesma estrutura das serranilhas do tempo de D. Diniz e dos seus trovadores, e as Canções narrativas do typo dos *Romances viejos*, que chegaram a penetrar nos Romanceiros hespanhoes. Gil Vicente fortificou o rudimento do Auto, reflectindo n'elle os conflictos da vida social portugueza de uma grande época em que começava a preponderar a burguezia; as suas scenas e os seus typos têm intenção critica, exercida com lampejos da opinião publica. Gil Vicente collaborava na demolição de instituições abusivas e de extemporaneos poderes, que perturbavam a nação e a conduziram ao seu estertor em 1580. Por essa visão genial é que a obra de Gil Vicente actuava sempre nas successivas gerações, e ainda hoje nos ensina como a Arte para ser viva tem de inspirar-se na tradição e dar forma ao sentimento nacional. A sua lição é hoje, mais do que nunca, profiqua, contra esta *desnacionalisação* a que ha tanto tempo e tão deliberadamente somos impellidos. Portugal tem um territorio, que manifesta, como o confessa Pi y Margall, que a sua nacionalidade é uma das de mais logica formação na Hespanha; tem uma raça inconfundivel com o *Ibero*, como o comprova uma persistencia de oito seculos; e tem uma tradição que nos liga sympathicamente, e que achou na linguagem de Gil Vicente e de Camões uma suprema expressão litteraria.

Consagrando estes vultos (1880 — 1902) obedecemos a um impulso espontaneo, que faz sentir que por este modo se vae operando a revivescencia da alma portugueza.